

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

SANTA CRUZ DO SUL & OKTOBERFEST: TRADUÇÃO OU TRADIÇÃO ALEMÃ?

Eduardo Marques Martins

Carla Hirt

Boletim Gaúcho de Geografia, 34: 78-94, maio, 2009.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37429/24175>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - maio, 2009

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

SANTA CRUZ DO SUL & OKTOBERFEST: tradução ou tradição Alemã?

Eduardo Marques Martins¹

Carla Hirt²

Resumo

Os colonos alemães trouxeram consigo lembranças, sentimentos e valores que, mesmo longe de seu local de origem, continuaram cheios de significado. Esse conteúdo abstrato e ao mesmo tempo consistente foi o elo entre a comunidade e, acima de tudo, o sentido de existência/de história que permitiu vislumbrar em um ambiente estranho a própria terra, resultando na impressão na paisagem dos elementos norteadores desse “conteúdo abstrato”. Os objetos e as ações inovadoras dos imigrantes (re)constituíram/(re)construíram o espaço geográfico com características novas, transformando o local em lugar. Porém, o local também incitou adaptações: a paisagem passa a sofrer transformações e promover adaptações. Esse conjunto de reconfigurações é assimilado, acarretando o surgimento gradual de um novo significado tanto do lugar já localizado, como do lugar de origem. Nesse processo de (re)constituição/(re)construção do espaço geográfico, paisagem-marca, paisagem-matriz e cultura se constituem em fatores de “identidade”; transformando-se, com o passar do tempo (histórico), em consequência e causa de uma “identidade territorial”.

Palavras-chave: Paisagem - território - identidade - cultura germânica - Santa Cruz do Sul

SANTA CRUZ DO SUL & OKTOBERFEST: German translation or tradition?

Abstract

German immigrants had brought with themselves souvenirs, feelings and values that, even so far from home, continued full of meanings. This abstract and, at the same time, consistent content was the link between community and, above all, meaning of existence/history that allowed in an unknown environment their own land, resulting the impression in the landscape of the main elements of this “abstract content”. The objects and the innovative actions of the immigrants (re)built/ (re)constitute the geographic space with new characteristics, transforming the unknown place into a known place. However, the place also stirred up adaptations: the landscape starts to suffer transformations (landscape-mark) and to promote

¹ Departamento de Geografia - UFRGS. Endereço eletrônico: hardgraos@hotmail.com

² Departamento de Geografia - UFRGS. Endereço eletrônico: carla_hirt@yahoo.com.br

adaptations (landscape-matrix). This set of reconfigurations is assimilated, causing the gradual sprouting of a new meaning of the located place and the origin place. In this process of building the geographic space, landscape-mark, landscape-matrix and culture consist in factors of “identity”; transforming itself, with time (historical), in consequence and cause of a “territorial identity”.

KEYWORDS: Landscape - territory - identity - german culture - Santa Cruz do Sul

Nas primeiras páginas deste trabalho, serão apresentados e discutidos alguns temas e conceitos importantes que certamente facilitarão a compreensão de nossa proposta, grossomodo, de avaliação de aspectos de tradição e tradução da cultura alemã durante a *Oktoberfest* em Santa Cruz do Sul.

Quando iniciou o processo de emigração para o Brasil, a Alemanha não era ainda um país unificado, era formada por diversos estados que só se unificariam em 1871. No início do século XIX, a estrutura feudal alemã caiu, embora a região continuasse essencialmente rural. Isso ocorreu, entre outros fatores, graças à pressão do crescimento populacional que ocorria desde o século XVII, ao iniciar o processo industrial e as guerras napoleônicas.

Essa nova realidade trouxe ao camponês a possibilidade de deixar de passar de servo a proprietário de terra. Mas, para isso, tinha que ceder um terço da área de sua futura propriedade para o seu (antigo) senhor; condição que traria dificuldades ao porvir do pequeno proprietário camponês. Empregar-se como trabalhador agrícola ou arrendar suas terras para cultivar era a forma mais comum de resolver esse problema. Além disso, cada filho herdava uma parcela da (pequena) propriedade e, como era comum ter muitos filhos, a herança fundiária era diminuta. Diante disso, a emigração se tornou a melhor opção.

Os primeiros colonos que vieram ao Rio Grande do Sul (RS) eram das regiões de Holstein, Hamburgo, Mecklemburgo e Hannover. Logo, porém, a região de Hunsrück e do Palatinado passaram a fornecer o principal contingente de emigrantes. Houve, também, grupos de pomeranos, westfalianos, wurtembergenses e boemios, além de pequenos grupos de todas as partes da Alemanha.

O primeiro contingente de imigrantes alemães desembarcou no RS em 25 de julho de 1824, na colônia de São Leopoldo (antiga Real Feitoria de Linho Cânhamo). No vale do rio Taquari e rio Pardo, se instalaram em Estrela (1853), Lajeado (1853) e Teutônia (1868). Até o fim do século, as terras à

Eduardo Marques Martins e Carla Hirt

venda do lado ocidental do médio Taquari estavam todas ocupadas por alemães (Fig. 01). O governo da província, por sua vez, criou, em 1849 a colônia de Monte Alverne, em Santa Cruz.



Figura 01: Colonos Alemães no Rio Grande do Sul (local desconhecido).

Santa Cruz do Sul

O Município de Santa Cruz do Sul (Fig. 02) é um dos principais núcleos da colonização alemã do Rio Grande do Sul (RS). Os primeiros doze imigrantes destinados a Santa Cruz atravessaram o oceano a bordo da barca prussiana *Bessel* e chegaram a Rio Pardo no dia 17 de dezembro de 1849. Destes primeiros 12 imigrantes, com exceção de um que era prussiano, todos os demais eram naturais da Silésia, território hoje pertencente à Polônia. Estabeleceram-se na Colônia Picada Velha, hoje conhecida como Linha Santa Cruz.

Originalmente, a Colônia Picada Velha era uma sesmaria pertencente a João Faria da Rosa, formada a partir de uma pequena comunidade constituída de seus familiares, agregados e negros cativos (os primeiros habitantes de Santa Cruz depois dos indígenas). Entre 1854 e 1855, o povoado de Faxinal de João Faria foi urbanizado, originando a cidade atual (mas a fundação da cidade ocorreu somente em 31 de março de 1877, após se emancipar de Rio Pardo).



Figura 02: Localização do Município de Santa Cruz do Sul/RS.

PAISAGEM, CULTURA E IDENTIDADE TERRITORIAL

Os colonos alemães, além de tudo aquilo que um emigrante precisa levar quando deixa a sua terra, trouxeram consigo lembranças, sentimentos e valores que, mesmo longe de seu local de origem, continuaram cheios de significado. Esse conteúdo abstrato e ao mesmo tempo consistente foi o elo de união entre a comunidade e, acima de tudo, o sentido de existência/de história que permitia ver em um ambiente estranho a própria terra, resultando na impressão na paisagem dos elementos norteadores desse conteúdo abstrato característico dos imigrantes. Segundo YI FU TUAN (1989, apud MELLO, 2001), *“a consciência do passado é importante no amor pelo lugar”*, o lugar perde o seu sentido genérico e ganha (por atribuição) o sentido de especificidade. É nesse sentido que serão analisadas as transformações que ocorreram no espaço geográfico, aqui entendido como o *“conjunto indissociável de um sistema de objetos e de ações”* (SANTOS, 1996).

BERQUE (1998) menciona que a paisagem se configura como uma das matrizes da cultura, além de ser, também, o lugar onde a os grupos sociais e as atividades humanas gravam sua marca. Isso porque a paisagem é um cenário que está carregado de história cuja significação é apreendida pouco a pouco, sendo muito importante na aquisição de conhecimentos e atitudes; pois ela é o reflexo da interação de uma determinada sociedade com o ambiente a sua volta. Ao chegarem, os imigrantes trouxeram consigo costumes, instrumentos e técnicas de sua terra que, até então, não tinham ligação com o local (Santa Cruz do Sul). Os objetos e as ações eram inovadores e estavam por (re)constituir/(re)construir um espaço geográfico com características próprias, transformando o local em lugar. As marcas na paisagem são uma parte das características desse processo; a paisagem

também condiciona, incita adaptações, mudanças. Então, por um lado, temos a “paisagem-marca”, que ilustra as transformações do processo de localização do lugar e, por outro lado, a “paisagem-matriz”, que induz à adaptação ou à inadequação do lugar já localizado.

Então, a paisagem passa a sofrer transformações e promover adaptações. Esse conjunto de reconfigurações singulares, oriundas do processo de (re)constituição/(re)construção do espaço geográfico, passou a ser sentido e assimilado pelos imigrantes e pelas futuras gerações, acarretando no surgimento gradual de um novo significado tanto do lugar localizado como do lugar de origem (principalmente para os descendentes do imigrantes).

Segundo CLAVAL (1999) a cultura é o conjunto ideias, conhecimento, atitudes, práticas e técnicas (*know how*) que o indivíduo recebe, interioriza, modifica ou elabora ao longo de sua vida. A cultura, dessa forma, não é definitiva, pois a relação homem-meio é dinâmica; ou seja, está em constante evolução. Assim sendo, entre uma geração e outra *“os conteúdos mudam [porque] o meio físico se modifica e é apreendido, explorado, organizado ou examinado com novos meios [e, igualmente,] a atmosfera social também se transforma”* (CLAVAL, 1999). Todas essas reconfigurações recaem/influenciam o indivíduo, só que de uma forma um pouco mais limitada: o indivíduo está sujeito à influência das transformações que ocorrem nos círculos de convivência que está **inserido ou participa**. Por isso a cultura é diversificada e jamais estática ou generalizada.

Então, nesse processo de (re)constituição/(re)construção do espaço geográfico, paisagem-marca, paisagem-matriz e cultura se constituem em fatores de “identidade”, transformando-se, com o passar do tempo (historicamente), em consequência e causa da “identidade territorial”. Segundo HAESBAERT (1999), *“não há território sem algum tipo de identificação e valorização simbólica pelos seus habitantes.”* A “identidade territorial” aparece, então, como forma de “apropriação simbólica” e “estratégia de poder”.

Produto e produtor de identidade, o território não é apenas um “ter”, mediador de relações de poder (político-econômico) onde o domínio sobre parcelas concretas do espaço é sua dimensão mais visível. O território é também um “ser” de cada grupo social, por mais que sua cartografia seja reticulada, sobreposta e/ou descontínua. Ao mesmo tempo, prisão e liberdade (HAESBAERT, 1999).

Dessa forma, a cultura alemã em Santa Cruz do Sul, além de ser fruto de remanescentes simbólicos que se mantiveram como fonte de significado para a população local, se caracteriza como identidade territorial, gerando

um sentimento dialógico de pertencimento e posse que, devido ao tempo, ao lugar e às raízes de muitos dos elementos culturais remontarem locais distantes (apesar de impressos na paisagem e nos indivíduos), propiciou adaptações de significados e dos significantes à realidade.

EVIDÊNCIAS

A influência da cultura alemã pode ser vista em muitos lugares e em diferentes formas. Como os exemplos são muitos, começaremos com o mais simples: o uso do idioma alemão. Na Fig. 03, que remonta a um passado distante, mostra-se uma das muitas lápides encontradas no cemitério mais antigo de Santa Cruz do Sul, com epitáfio escrito no idioma alemão. Atualmente, segundo a família Gerhardt¹³, ainda é ministrado nas escolas, como disciplina de idioma estrangeiro, o alemão. As aulas iniciam no quarto ano do ensino fundamental (dois anos antes do Inglês), prolongando-se até o sétimo ano. Isso ocorre porque as escolas recebem incentivos financeiros alemães. Porém os alunos não reprovam na disciplina, ao contrário do que acontece com a disciplina de língua inglesa. Comentam que, ainda, é muito comum encontrar pessoas falando alemão na cidade, principalmente na zona rural, onde persistem as pessoas que somente falam alemão.



Figura 03: Localização do Município de Santa Cruz do Sul/RS.

Na Fig. 04, na entrada da zona urbana do município, pode observar-se o monumento erigido em homenagem aos antepassados de Santa Cruz do Sul.

¹³ Família entrevistada durante a investigação com amplo conhecimento sobre a cultura alemã e história de Santa Cruz do Sul.

O monumento se constitui de uma estátua representando um colono com o instrumento mais básico ou característico de sua função: a enxada, e de um painel apresentando uma cena, possivelmente, comum do cotidiano agrícola: um arado manual de tração animal abrindo sulcos na terra (à direita) e uma pessoa caminhando, aparentemente, usando vestes que lembram o gaúcho (à esquerda). Ainda no painel, em segundo plano, se nota a cidade de Santa Cruz do Sul (após o ano de 1939, pois a Catedral de São João Batista já consta no afresco).

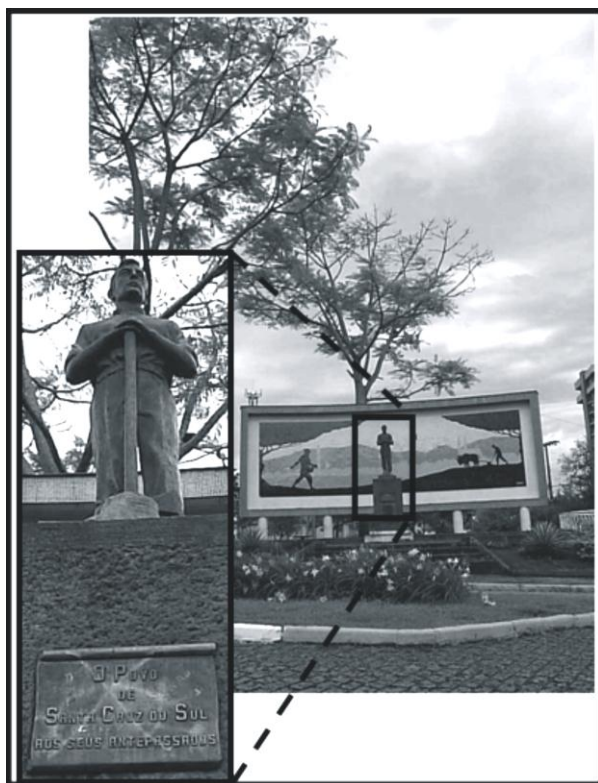


Figura 04: Monumento, na entrada de Santa Cruz do Sul, que homenageia os seus antepassados.

Na Fig. 05, pode-se notar muito bem a mudança de função que determinadas edificações sofreram ao longo do tempo e como o presente e o passado ainda convivem juntos no mesmo ambiente. O que agora é uma farmácia, no passado foi a Câmara Municipal de Vereadores, fundada em 1878. Apesar da modificação observada na fachada, ainda é possível ver a parte superior e o telhado originais da edificação. O ponto branco é onde se localiza a placa comemorativa aos 120 anos da construção, que assinala, já

em suas primeiras linhas: “No prédio existente nesta esquina...” Este é um dos muitos exemplos desse tipo de mudança funcional.

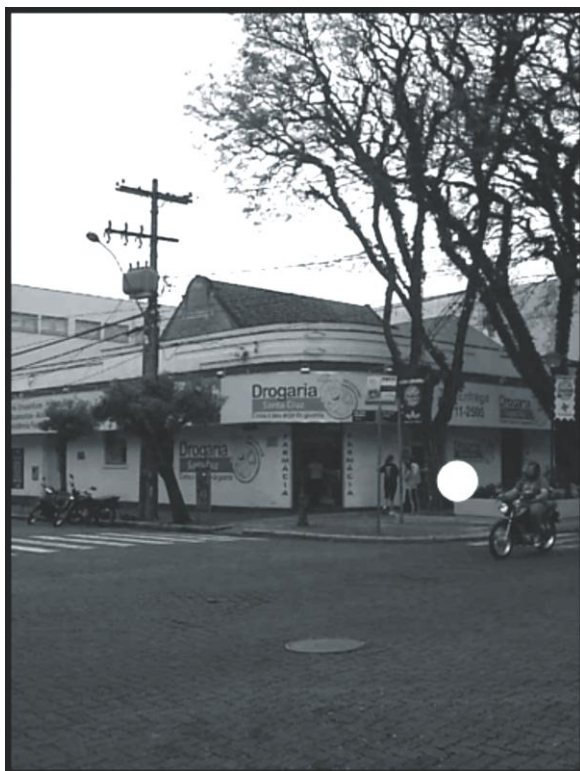


Figura 05: Mudanças funcionais, o que hoje é uma farmácia já foi a Câmara de Vereadores Municipal.

O Museu de Artes de Santa Cruz (MASC) possui amostra contínua de fotos antigas do município. Nelas se pode apreciar a evolução da urbanização de algumas áreas, como o entorno do próprio MASC (Fig. 06). Construído em 1913 para servir à casa paroquial, este edifício se tornou, com o tempo, a residência do bispo e, antes de abrigar o museu, também foi local de atividades comerciais. Como a paisagem existe, “em primeiro lugar, na sua relação com um sujeito coletivo: a sociedade de que a produziu, que a reproduz, e a transforma em função de uma certa lógica” (BERQUE, 1998), através das Fig. 06 e 07 (que se localizam na mesma quadra) se pode apreciar muito bem as reconfigurações que a paisagem sofreu com o desenrolar dos anos (paisagem-marca) e as influências que suscitou (paisagem-matriz).



Figura 06: Evolução urbana no entorno do MASC.



Figura 07: Evolução urbana no entorno da Catedral de São João Batista.

Oktoberfest

Em 1853, nos 196 lotes ocupados na Colônia Picada Velha (futura Santa Cruz do Sul) viviam 692 habitantes, exportando, através de Rio Pardo, 245 sacos de feijão e 160 arrobas de fumo em rama. Produziam também milho, batata, cevada e linho. O tabaco se revelou o produto agrícola de maior produtividade, por isso o governo da Província importava sementes para serem distribuídas aos colonos, para que estes pudessem ganhar algum dinheiro e saldar pontualmente os seus débitos com a aquisição das terras.

Um século depois, em 1966, se realizou a Festa Nacional do Fumo (FENAF), celebração que deu origem em 1984 à *Oktoberfest*. Segundo Tereshiña Gerhardt, o motivo dos organizadores da *Oktoberfest* era o de

incorporar a comunidade e criar uma festividade que celebrasse as tradições germânicas (já que a grande maioria dos habitantes era de origem alemã e ainda haviam aqueles que vestiam trajes típicos). Ao contrário da FENAF, a *Oktoberfest* ocorre anualmente no mês de outubro, como manda a tradição (época de colheita). O resgate cultural evidenciado durante o evento com apresentações de danças folclóricas, bailes animados por bandinhas germânicas típicas (inclusive vindas da Alemanha), desfile de carros alegóricos, jogos germânicos, escola da culinária e língua alemã, gastronomia típica, etc., tem sido determinante para o reconhecimento do evento.

Mas, durante o ano, Santa Cruz do Sul também desenvolve outros eventos que enaltecem/mostram os costumes germânicos, como a feira das cucas que acontece duas ou três vezes ao ano, como conta Raul Gerhardt. Santa Cruz do Sul também é sede do maior evento tradicionalista gaúcho das américas, o Encontro de Artes e Tradição Gaúcha (ENART), evidenciando o hibridismo assimilado por seu povo.

O que foi mostrado até aqui, implicitamente, evidencia a influência de uma cultura estrangeira sobre a paisagem e vice-versa. Essas forças opostas, por meio da adaptação, promovem o surgimento de uma nova cultura: “nem completamente de lá, nem completamente daqui”, mas híbrida. Essa “hibridização” termina por favorecer um sentimento de pertencimento e posse, como mencionando anteriormente, uma “identidade territorial” formada através do inter-relacionamento dos elementos de uma porção do espaço geográfico.

O que foi apresentado até aqui é o “pano de fundo” que servirá de palco para o objetivo desta investigação: tentar identificar alguns aspectos de tradição e/ou de tradução da “identidade alemã” no município Santa Cruz do Sul, no período onde estaria mais à flor da pele: durante a realização da Oktoberfest (Fig. 08), que, além disso, propiciaria o contato com entusiastas, alemães (nacionalidade) e membros de Centros de Tradição Germânica (CTGe) da região de colonização alemã do RS e de fora dela.

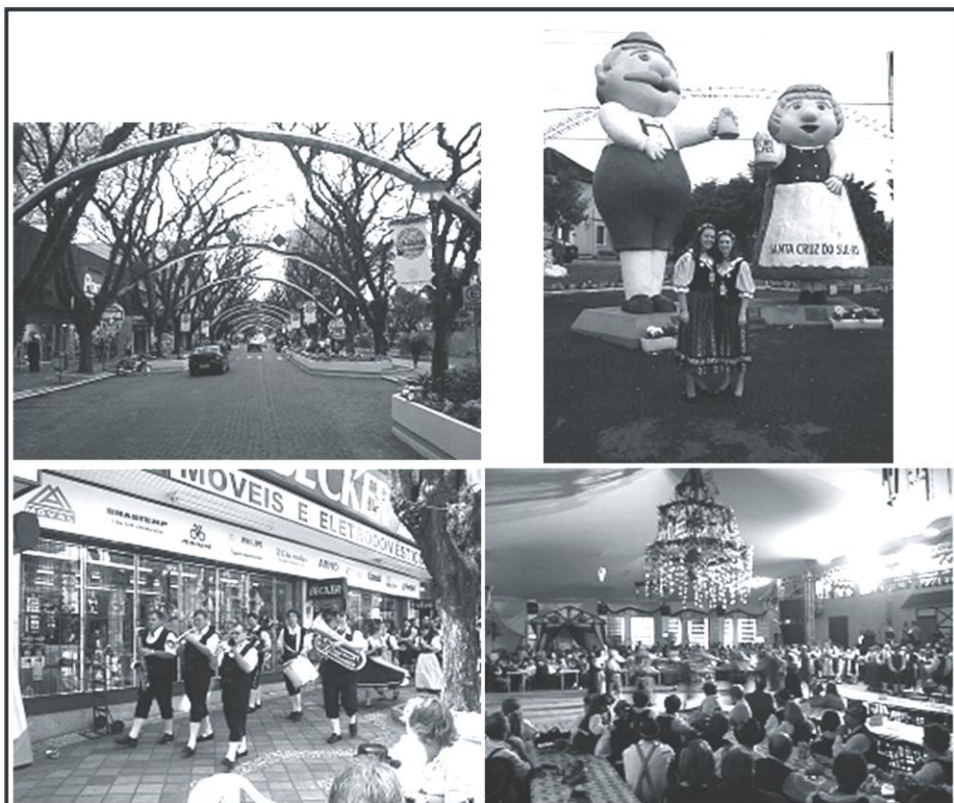


Figura 08: Santa Cruz do Sul em *Oktoberfest*.

Tradição e tradução

Primeiramente, “tradução”, segundo HALL (1999), é um conceito que descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que emigraram e que não cultivam a ilusão de um retorno à terra natal ou a um passado distante. Mesmo que essas pessoas retenham fortes vínculos com seus lugares de origem e tradições, são obrigadas a negociar com as novas culturas e ambientes em que convivem, sem simplesmente serem assimiladas e sem perder completamente suas identidades. As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente traduzidas. Elas devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. “Tradição” é a transmissão oral ou em forma de narrativas de lendas e valores (sejam eles espirituais, religiosos, morais, éticos, etc.) de uma geração para a próxima; uma herança ou elo entre elas.

É uma mescla entre lembrança, memória, costume e ideal conhecida e/ou praticada.

Entendidos os conceitos, foram delimitadas, entre as possibilidades, duas áreas de interesse: costumes, abrangendo o dia a dia, e a Oktoberfest, mais pontual. Em relação à primeira área, Tereshiña conta que alguns jogos germânicos⁴ que vieram na “bagagem” de conhecimento dos imigrantes sofreram algumas alterações ou adaptações devido às dificuldades financeiras e/ou de obtenção, e até inexistência, de certos materiais e/ou instrumentos necessários para que o “jogo fosse jogado”. Ela diz: “eles foram adaptando [os jogos] com o material que eles achavam aqui, para fazer mais ou menos os jogos que eles tinham lá. Essa história do disco, da bola numa corda [descrição sintética de jogos], isso tudo (...) já é uma adaptação do que eles tinham lá (...) Bem antigamente, eles usavam aquelas coisas das... ferramentas de trabalho”⁵.

Outra mudança que ocorreu ao longo do tempo, como relata Tereshiña, foi que a sua geração tinha um sentimento de aversão ao aprendizado do alemão. Falar alemão não era bem visto, era coisa de “colono” (no sentido pejorativo); o bonito, o moderno era falar português. O próprio senhor Raul somente entende o idioma alemão, pois fazia questão de falar português com sua avó que somente falava alemão. Atualmente, diz Tereshiña, “já é importante o alemão também [perante outros idiomas] (...) então, isso [dominar o idioma alemão] hoje já não é mais tão ruim, tão chato, tão feio. Essa é a diferença da nossa geração com a [geração] de hoje.” Também mencionaram, tanto Raul como Tereshiña, que na sua época, era obrigatório o idioma alemão na escola (existia a possibilidade de reprovação) e que, mais antigamente, se alfabetizava as crianças utilizando os dois idiomas (português e alemão).

Disseram, ainda, que os centros de tradição germânica (CTGe), que se diferenciam segundo a ênfase/prática (dança, jogos, culinária e gastronomia, idioma, etc.), funcionam como os Centros de Tradições Gaúchas (CTG), guardando e preservando a cultura pela manutenção da prática e transmissão do conhecimento aos associados/interessados. A culinária alemã também sofreu alterações e adaptações referentes à receita original. Normalmente, os pratos típicos tão procurados no período da Oktoberfest não tem lugar nos restaurantes da cidade em outras épocas do ano (salvo algumas exceções, comoucas, doces e linguiça). Raul diz que não há clientela na cidade para manter um restaurante que contenha em seu cardápio somente “comida alemã”. Inclusive os garçons, vestidos com trajes típicos no período de

⁴ Referente à região de povos de origem ou idioma alemão, independente de fronteiras nacionais.

⁵ Alguns jogos germânicos podiam ser praticados na *Oktoberfest*.

Oktoberfest, usam vestes normais ao longo do ano (calça preta e camisa branca).

Em relação à segunda área de interesse, a Oktoberfest é um evento que “resgata” a cultura alemã. Estende-se por toda a cidade, vestindo-a de amarelo, vermelho e preto, adornando-a com Fritz & Frida’s, promovendo desfiles com as princesas e rainhas do evento e incitando bandinhas a tocar pelas ruas acompanhadas de dançarinos (a rigor) seguindo o ritmo das marchinhas (muitas vezes, esses grupos são oriundos de CTGe) (Fig. 09). Inclusive, pessoas vestidas com trajes típicos não pagam o valor da entrada ao parque de eventos da Oktoberfest.



Figura 09: Bandinhas e trajes típicos nas ruas de Santa Cruz do Sul em tempos de *Oktoberfest*.

Tereshiña comenta que a “Oktoberfest de alemães” acontece pela tarde ou pela manhã (nos fim-de-semana, quando está aberta 24h). A organização do evento se preocupa com a participação de todos, por isso promove dias especiais para as crianças e os integrantes da “melhor idade”. Nesse dia, chamado “Dia da terceira idade”, tudo é sem custo para eles e é, indiscutivelmente, citando Tereshiña, o dia onde se vêem “os germânicos mesmo”. Vestidos tipicamente, esses senhores e senhoras desfilam dançando e bebendo chopp pela cidade, em direção ao pavilhão principal. Chegando lá, passam a tarde inteira conversando, dançando, jogando (os que podem e os que sabem), comendo e bebendo. Segundo Raul, “o sentido da festa é comer, beber e dançar” (o mesmo sentido que nos primordes, quando as celebrações festejavam o início da colheita, da prosperidade).

A grande maioria de participantes é de origem germânica, composta por moradores próximos a Santa Cruz do Sul (vale do rio Pardo e Taquari); mas existem, também, muitos turistas de todo o RS (principalmente de Porto

Alegre), do Brasil e do exterior. Porém, ressaltam Tereshiña e Raul, aparentemente, uma boa parte dos turistas que vêm à Oktberfest de Santa Cruz do Sul “não vêm por causa que seja uma coisa alemã; [vêm] por causa da festa.” Como Tereshiña diz: “É festa... pra trazer turista, pra movimentar um pouquinho a cidade. É como a Festa da Uva a Festa da Laranja”.

Essa influência e, ao mesmo tempo, viés turístico do evento é percebida através de atrações que se realizam concomitantemente, por exemplo: o evento construiu “casinhas típicas” equipadas com forno para que comerciantes ou empreendedores momentâneos possam preparar e vender alimentos típicos com caráter de lanche (como linguiça, doces, cucas, pães, schimier, etc.) e/ou vender produtos feitos com matéria-prima da região; ao mesmo, e em maior número, estão as bancas que vendem churrasquinho, cachorro-quente, X’s, pastéis, etc. e, na Octoberfeira (a terceira edição foi realizada este ano), se vendem artigos de outros lugares, inclusive artesanato do Ceará. Existe um local, o restaurante Bier Haus, que só serve comidas típicas alemãs (refeições), sempre ao som de uma bandinha alemã.

Outro exemplo são os shows com diferentes músicos e estilos musicais que se realizam à noite, enquanto nos galpões e na entrada do evento só tocam bandinhas (algumas vindas da Alemanha) e se apresentam grupos folclóricos. Nos galpões⁶, talvez pela infraestrutura (coberta), talvez pelo sentido de integração: a disposição dos elementos (palco, pista de dança/apresentações e as mesas para alimentação) é diferenciada: estão num mesmo lugar, conjugados.

Esse resgate cultural também se promove para os turistas através de duas escolas: culinária típica alemã e idioma alemão, e em uma oficina de dança, que se localizam no interior do evento. Ao lado dessas escolinhas, há um estande onde são mostrados vários trajes utilizados em diferentes ocasiões (Fig. 10) e os vencedores⁷ de um concurso de redações e desenhos de colégios de Santa Cruz do Sul onde o tema principal é a Oktoberfest (Fig. 11).

⁶

O principal fecha às 22h, mas as atividades no interior continuam madrugada adentro.

⁷

Não foi possível confirmar essa informação.



Figura 10: Trajes típicos germânicos em estande na *Oktoberfest*.



Figura 11: Representação da *Oktoberfest* por crianças.

Durante o evento, um grupo de jovens e um senhor, todos da região de Santa Cruz do Sul e membros atuantes de CTGe, foram entrevistados. Ao serem questionados sobre em que outros momentos a cultura germânica estava presente em suas vidas, as respostas foram as mesmas: diariamente. O grupo de jovens acrescentou que a cultural alemã parece aflorar durante a Oktoberfest e que, em outras épocas, a influência alemã se vê muito na gastronomia, tendo a bandinha um papel muito importante na manutenção/promoção cultural.

O senhor entrevistado, atuante em apresentações em eventos culturais, menciona que o público jovem se renova muito, sempre vem em maior número a Santa Cruz do Sul; e que a principal motivação do evento é a participação do povo que vem a prestigiar a festa. Ressalta: “o que é importante é que todo mundo que vem à festa, gostaria de voltar.” Quando indagado se era comum ver a cultural germânica em Santa Cruz do Sul, respondeu: “sim; principalmente mais pra fora, no interior.” Comenta que, apesar da juventude do município participar de CTGe e de eventos culturais, seria necessário fazer um esforço de integração ainda maior junto a eles para

que saiam de “caminhos perigosos da vida”, como as drogas e a violência. Acrescenta ainda que, atualmente, vê os CTGe como os CTGs, onde esse tipo de problema não é comum: “é necessário incentivar o jovem para trazê-lo a uma coisa sadia, como é isso aqui [Oktoberfest]”

Mas, como se pode ver na Fig. 12, a Oktoberfest ainda está atrelada às empresas de tabaco/fumo e aos negócios. Por isso, ao mesmo tempo em que se configura como uma celebração cultural, a infraestrutura do evento é utilizada para promover e incentivar os investimentos, o turismo e o comércio, trazendo divisas para a cidade. A FENAF ocorre dentro da Oktoberfest, assim como feiras industriais, amostras de carros (alemães) de colecionadores, estandes de venda de todo tipo de mercadorias (Oktoberfeira) e, inclusive, há um parque de diversões no interior da área do evento.

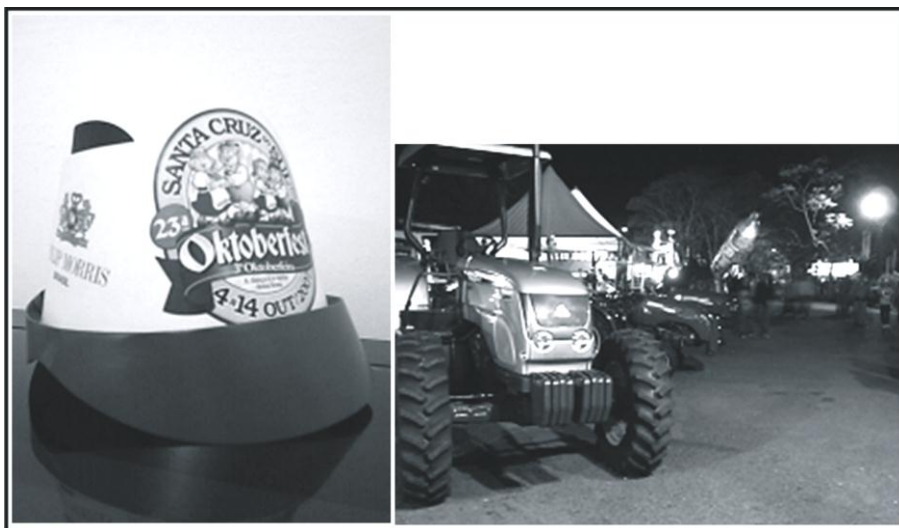


Figura 12: A Oktoberfest como centro econômico e de marketing.

Há toda uma estrutura preparada para estimular o consumo e o comércio no parque e na cidade. As oportunidades satisfazem a todos os gostos e interesses. O evento em seus 10 dias de comemoração recebe a visita de 440 mil pessoas, que consomem quase 190 toneladas de alimento e mais de 230 mil litros de chopp; sem contar o aporte financeiro dos negócios e investimentos concretizados e da comercialização de outras espécies de mercadorias e/ou artigos. Sem sombra de dúvida, é um impulso econômico importante para o município e a região.

Considerações Finais

Ao vivenciar o clima de Oktoberfest na cidade, época onde, supostamente, a cultura alemã está à flor da pele, e depois de entrar em contato e conversar com muitas pessoas e conhecer/entender a influência do evento, pode-se dizer que a cultura germânica de Santa Cruz do Sul, “até onde se viu”, apresenta adaptações pertinentes ao lugar e às condições do lugar e dos imigrantes. Essa hibridização permite aos elementos do espaço geográfico se comunicar historicamente, mas remontando somente a partir da chegada dos primeiros colonos (é história, mas no sentido de presente). O espaço geográfico anterior (Alemanha), assim como seus elementos, acontecimentos e relações, são história (no sentido de passado comum, mas desvinculado).

Essa territorialização temporal reforça a identidade territorial do lugar, causando um sentimento de ligação mais forte com a região germânica na Europa (comumente, Alemanha) em comparação com a ligação histórica da região de Santa Cruz do Sul anterior à colonização. Mas a influência histórica espacial (a partir da colonização) é intensa o suficiente para que os identificados com ela se sintam pertencentes ao lugar, Santa Cruz do Sul, e não à Alemanha. Esse relacionamento, que une os povos muito mais intensamente que os lugares (Alemanha e Santa Cruz do Sul), ocorre graças à tradição. Esta “tradição”, na verdade, em muitos casos, mantém somente seus aspectos norteadores, configurando-se, basicamente, em tradução: criando uma maneira própria de comunicação com o passado.

Sobre a Oktoberfest propriamente dita, é um evento que tem duas faces: a cultural, que tem um espaço exclusivo no evento (“Espaço Cultural”); e a econômica, que visa a atrair investimentos e desenvolvimento para o município e para os empresários e comerciantes santa-cruzenses. É tradução de uma tradição distante no tempo e no espaço, com fortes traços locais e regionais (pois primeiro veio a FENAF e depois a Oktoberfest).

Referências Bibliográficas

BERQUE, A. **Paisagem Marca, Paisagem Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro : EdUERJ, 1998. Pp. 84 - 91.

CLAVAL, P. **Geografia Cultural: O Estado da Arte**. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R.L. (Orgs.). Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro : EdUERJ, 1999. Pp. 59 - 98.

HAESBAERT, R. **Identidades territoriais**. In: ROSENDAHL, Z.; CORREA, R. L. (Orgs.). Manifestações da cultura no espaço. Rio de Janeiro : EdUERJ, 1999. Pp.169-190.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro : DP&A, 2002.

MELLO, J. B. F. de. **Descortinando e (re)pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan**. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro : EdUERJ, 2001. Pp. 87 - 101.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. São Paulo : Hucitec, 1996.